

**Programa de formação de colegas tutores:
a tutoria no processo de inclusão escolar nas aulas de Educação Física***

**Education Program of peer tutors:
tutoring in the process of school inclusion in the Physical Education class**

**Programa de formación para compañeros tutores:
la tutoría en el proceso de inclusión escolar en las clases de Educación
Física**

Joslei Viana de Souza**

Mey de Abreu van Munster***

Lauren Leiberman****

Maria da Piedade Resende da Costa*****

373

Resumo: A presente pesquisa pretendeu analisar o efeito da atuação do colega tutor junto a um estudante com deficiência nas aulas de Educação Física. Este estudo apoiou-se em abordagem metodológica de natureza qualitativa, caracterizada como estudo de caso. A pesquisa foi desenvolvida em escola da Rede Municipal de Ensino localizada no interior do Estado da Bahia. Os participantes desta pesquisa foram: um estudante com deficiência intelectual associada ao transtorno do espectro autista e cinco colegas tutores. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a observação sistemática ou estruturada, não participante, em ambiente natural. Foram realizadas filmagens das aulas de Educação Física, antes e após o treinamento dos tutores. Os resultados demonstraram que a intervenção dos colegas tutores, com estratégias de ensino, culminou no aumento do nível de participação do estudante com deficiência, contribuindo com o processo de inclusão nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Colega tutor. Programa de formação de colegas tutores. Educação inclusiva.

Abstract: This research aimed to analyze the effect of peer tutoring for a student with disability in Physical Education classes. This study was supported by the qualitative methodological approach, characterized as a case study. The research was conducted in a Municipal public school located in the State

* Este estudo foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), oriundo de uma tese de doutorado.

** Docente do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Pós-Doutorado pela State University of New York - College at Brockport. E-mail: <josleisouza31@gmail.com>.

*** Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-Doutorado pela State University of New York - College at Brockport. E-mail: <mey@ufscar.br>.

**** Docente da State University of New York - College at Brockport. E-mail: <llieberm@brockport.edu>.

***** Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutora. E-mail: <piedade@ufscar.br>.

of Bahia. The participants in this research were: a student with intellectual disability associated with autism spectrum disorder and five peer tutors. For data collection instrument, systematic or structured observation was employed, not participant, in a natural environment. The Physical Education classes were filmed, before and after the training of tutors. The results showed that the intervention of the peer tutors, with teaching strategies, culminated in increasing the participation level of the student with disabilities, contributing to the process of inclusion in Physical Education classes.

Keywords: Peer tutor. Training program of peer tutors. Inclusive education.

Resumen: El propósito de esta investigación fue analizar el efecto de la actuación del compañero tutor en clases de Educación Física de un estudiante con discapacidades. Sustentada por un enfoque metodológico de naturaleza cualitativa, caracterizado como estudio de caso. Esta investigación fue conducida en un sistema de Educación Municipal situada en el estado de Bahia. Los participantes presentes en esta investigación fueron: un estudiante con discapacidad intelectual asociada al trastorno del espectro de autismo y cinco compañeros tutores. Como instrumento para la recolección de datos, fue utilizada la observación estructurada o sistemática no-participativa, en el ambiente natural. Las clases de Educación Física fueron grabadas antes y después de la formación de los compañeros tutores. Hallazgos de esta investigación demostraron que la intervención de los compañeros tutores, utilizada como estrategia de enseñanza, resultó en el aumento del nivel de participación del estudiante con discapacidad, contribuyendo al proceso de inclusión en las clases de Educación Física.

Palabras clave: Compañero tutor. Programa de formación para compañeros tutores. Educación Inclusiva.

Introdução

O número de matrículas de estudantes com deficiência em escolas pertencentes à rede regular de ensino vem aumentando sistematicamente; como consequência, a participação destes nas aulas de Educação Física Escolar deveria tornar-se mais evidente. Contudo, ao contrário do esperado, ainda é raro encontrar estudantes com deficiência participando das atividades previstas nessa disciplina. No Brasil, vários são os motivos que culminam em tal situação.

Os professores de Educação Física do Ensino Comum (EFEC) sentem-se despreparados ou possuem formação insuficiente para atuar frente à diversidade, particularmente quando isso envolve prover um suporte apropriado para estudantes com deficiência (BLOCK; RIZZO, 1993). Para que a inclusão se efetive e o estudante com deficiência tenha acesso a uma experiência educacional adequada, é imprescindível contar com os apoios especializados, de acordo com as necessidades individuais (CERVANTES et al., 2013).

Segundo Tournaki e Criscitiello (2003), a demanda pela inclusão escolar tem conduzido os professores a buscar estratégias de ensino que possam proporcionar maior envolvimento e participação dos estudantes com deficiência no contexto de aprendizagem. Entre as possibilidades de estratégias de ensino, destaca-se o trabalho colaborativo, o qual pode ser compreendido como uma rede de recursos a ser utilizado pelo professor para o sucesso escolar dos estudantes com deficiência (MACHADO; BELLO; ALMEIDA, 2012). A proposta de trabalho colaborativo visa proporcionar o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas mais bem-sucedidas, uma vez que propõem uma parceria de trabalho entre pares (ARAÚJO; ALMEIDA, 2014).

A tutoria é uma proposta de trabalho colaborativo designado para beneficiar o estudante com deficiência junto ao seu tutor. Essa estratégia tem como recurso didático o Colega Tutor, que interage com um colega de classe com deficiência (tutorado) auxiliando-o nas atividades em aula (ORLANDO, 2007). A tutoria permite o engajamento ativo de estudantes com deficiência

nas aulas (LEE; WARD, 2002). Segundo Fiorini e Nabeiro (2013), a tutoria valoriza a cooperação mútua entre os estudantes e o respeito às diferenças.

Nesse sentido, Block e Obrusnikova (2007) e Bowman-Perrott et al. (2013) definem tutoria como uma estratégia na qual pares com a mesma idade ou mais velhos prestam apoio a uma pessoa com deficiência na Educação Física regular. Embora a tutoria seja uma estratégia de apoio ao ensino da Educação Física bastante difundida nos Estados Unidos da América, observa-se a necessidade de estudos mais aprofundados e adequados à realidade brasileira.

Estudos de Mortweet et al. (1999) e Greenwood et al. (2001) demonstram que a tutoria beneficia os estudantes com deficiência, melhorando a aprendizagem e favorecendo a assimilação das instruções, em comparação às aulas não assistidas por tutores. Tournaki e Criscitiello (2003), Otaiba, Schatschneider e Silverman (2005) e Gonçalves e Ribeiro (2008) afirmam que a tutoria contribui no processo de inclusão escolar, beneficiando ambos os estudantes, tutores e estudantes com deficiência, melhorando as habilidades acadêmicas e as relações sociais.

Quanto às relações entre tutor e tutorado, Fernandes e Costa (2015) verificaram que a díade tutor-tutorado, na condição de colegas de mesma classe, apresenta um maior grau de satisfação com relação à tutoria, tanto na visão dos tutorados quanto na concepção dos próprios tutores. A tutoria entre pares parece ser opção viável para fornecer apoio individual e atenção aos estudantes com deficiência, mantendo uma experiência educacional de qualidade para seus pares sem deficiência (BLOCK; OBRUSNIKOVA, 2007; LIEBERMAN; HOUSTON-WILSON, 2009; HODGE; LIEBERMAN; MURATA, 2012).

Entre as vantagens da tutoria, Fulk e King (2001) destacam que o papel desempenhado pelo tutor parece ser particularmente benéfico para melhorar a autoestima de estudantes com baixo desempenho social/acadêmico, além de ela apresentar baixo custo e ser de fácil utilização. Todavia, para que essa estratégia tenha sucesso, o tutor precisa estar bem instruído, de forma a desempenhar sua função transmitindo segurança ao seu tutorado.

Este estudo debruça-se, assim, sobre o processo de preparação de colegas tutores, visando facilitar a inclusão de estudantes com deficiências no contexto da Educação Física escolar. Dessa forma, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar o efeito da atuação de colegas tutores junto a estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física. Especificamente, buscou-se planejar, implementar e avaliar um programa de formação de colegas tutores para atuar junto a estudantes com deficiência nas aulas de Educação Física.

Método

A pesquisa apoiou-se em abordagem metodológica de natureza qualitativa, caracterizada como estudo de caso. Segundo Gil (2008, p. 57-58), o estudo de caso “[...] é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados”.

Cuidados éticos

A pesquisa observou a normatização prevista na Resolução N° 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e aprovado pelo Parecer N° 217/2007.

A proposta de investigação foi apresentada aos Coordenadores da área de Educação Física da Rede Municipal de Ensino, à Secretaria de Educação Municipal, aos Professores de Educação Física, à Diretora e à Professora de Educação Física da escola selecionada, os quais concordaram com a realização da pesquisa.

Em seguida, reuniram-se a primeira pesquisadora com a professora de Educação Física e com os estudantes da turma selecionada, quando foi explanado o trabalho que seria desenvolvido. Após elucidar a temática “tutoria” e discorrer sobre o Programa de formação de colegas tutores junto aos participantes, foi obtido o assentimento dos envolvidos na pesquisa. Atendendo aos preceitos éticos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi encaminhado e assinado pelos pais ou responsáveis dos estudantes, pois eram menores de 18 anos. Os critérios de inclusão na amostra serão detalhados no próximo item.

Local da pesquisa e participantes

A escola onde foi realizado o estudo foi selecionada de acordo com os seguintes critérios de inclusão: possuir professor com formação inicial em Educação Física; possuir estudante(s) com deficiência(s) regularmente matriculado(s) na escola. Os critérios para seleção da turma foram: apresentar estudante(s) com deficiência(s) frequentando as aulas de Educação Física (frequência igual ou superior a 75%); interesse e disponibilidade por parte do(a) professor(a) e dos estudantes (com e sem deficiência) em participar da pesquisa.

A Rede Municipal, coordenada pela respectiva Secretaria de Educação, possui um total de 42 escolas, sendo 27 situadas em zona urbana e 15 em zona rural. Dentre as 42 escolas, apenas 16 possuíam professores com formação inicial em Educação Física.

Em acordo com a Secretaria Municipal de Educação, foi realizada uma reunião com os 16 professores de Educação Física, quando foi apresentada a proposta do estudo. Após serem apresentados os critérios de participação na pesquisa, verificou-se que:

- Sete professores não demonstraram interesse e disponibilidade em participar do estudo.
- Um professor não possuía estudante com deficiência em suas aulas.
- Uma professora encontrava-se afastada por motivos de saúde.
- Um professor sugeriu a não participação do estudo devido à constante ausência do estudante com deficiência.
- Cinco professores atuavam em outros espaços, cedidos pela Secretaria de Educação (creches e escola especial).

Apenas uma professora, portanto, atendia aos critérios de participação na pesquisa, tendo concordado em participar dela. Assim, foi determinado o estabelecimento de ensino que sediou o estudo - uma escola da Rede Municipal de Ensino, localizada no interior do Estado da Bahia, situada em zona rural, que atendia, na ocasião da realização da pesquisa, 877 alunos matriculados no Ensino Fundamental II.

A referida escola possui três professores que atuam nas aulas de Educação Física: um professor com formação inicial em Geografia, o qual ministra aulas de Educação Física para completar sua carga horária; duas professoras com formação inicial em Educação Física, porém uma delas encontrava-se em afastamento por questões de saúde.

A escola possui três estudantes com deficiência:

- Uma aluna com surdez, matriculada na sétima série, a qual não participava das aulas de Educação Física devido ao fato de estas serem realizadas no contraturno.
- Um aluno com deficiência intelectual e esquizofrenia, o qual apresentava problemas de assiduidade e, portanto, não atendia ao critério de frequência mínima.
- Um aluno com deficiência intelectual associada ao transtorno do espectro autista, matriculado na quinta série, o qual concordou em participar da pesquisa.

O contexto onde foi desenvolvida a pesquisa consistiu em aulas de Educação Física de uma turma de 5ª série do Ensino Fundamental, na qual havia um estudante com deficiência intelectual associada ao transtorno do espectro autista. A turma era composta por 27 estudantes de ambos os gêneros. As aulas de Educação Física aconteciam no contraturno, ou seja, no período contrário às outras disciplinas. Os estudantes assistiam às aulas no período matutino e retornavam à tarde para participar das aulas de Educação Física.

Em um primeiro momento, foi realizada a observação de uma aula para ter o conhecimento de como ela era desenvolvida. A duração das aulas de Educação Física era de 50 minutos, duas vezes por semana. Como conteúdos, eram desenvolvidos exercícios de alongamento e jogos. As aulas eram realizadas em dois espaços diferentes: em uma quadra poliesportiva descoberta, que se situava fora da escola (esse espaço é pertencente à comunidade); e no pátio interno da escola, o qual apresentava piso irregular, áspero e sem demarcações.

Participaram deste estudo:

- Um estudante com deficiência intelectual associada ao transtorno do espectro autista, com 19 anos de idade, do gênero masculino, estudante da 5ª série (o diagnóstico do estudante foi obtido com base no prontuário fornecido pela direção da escola).
- Cinco colegas tutores (quatro meninas e um menino), na faixa etária de nove a 11 anos, estudantes da 5ª série.

Além de atender aos critérios de inclusão na amostra, os colegas tutores deveriam ainda: concordar em participar de um Programa de formação de colegas tutores; participar das aulas de Educação Física na mesma turma do estudante com deficiência; ser aprovado na avaliação teórica e prática do Programa de formação de colegas tutores; ser aceito como tutor ou tutora pelo estudante com deficiência. O estudante com deficiência concordou, após ser consultado pela pesquisadora 1 e pela professora de Educação Física, que os estudantes selecionados como colegas tutores o auxiliassem nas aulas.

Como forma de preservar a identidade dos sujeitos, foram atribuídos nomes fictícios aos participantes da pesquisa. O estudante com deficiência intelectual foi nomeado de Joaquim. Ressalta-se que a participação de Joaquim nas aulas de Educação Física acontecia devido à colaboração de duas colegas que o buscavam em sua casa e o levavam para a escola, pois as aulas aconteciam em período contrário das outras disciplinas. Antes mesmo do início da pesquisa, observou-se um vínculo espontâneo por parte de alguns colegas de turma.

Programa de formação de colegas tutores

O Programa de formação de colegas tutores foi realizado pela primeira pesquisadora, tendo sido desenvolvido na escola, sem a presença do estudante com deficiência. A proposta de formação foi subsidiada e adaptada dos estudos de Houston-Wilson et al. (1997) e Lieberman e Houston-Wilson (2009).

- a) Primeira etapa: essa fase foi direcionada a todos os alunos, consistindo em encontros preparatórios voltados ao processo de recrutamento dos colegas tutores e planejamento das atividades em conjunto, envolvendo:
 - Reunião com os estudantes (recrutamento dos colegas tutores): em um primeiro momento, reuniram-se todos os estudantes da turma selecionada e a professora de Educação Física procedeu à apresentação da primeira pesquisadora, a qual forneceu informações sobre os principais aspectos relacionados ao programa de tutoria em linguagem acessível ao entendimento (o que é; como acontece; critérios para participação; exemplos práticos e simulações). Foi feito o convite a todos os interessados em participar do estudo.
 - Obtenção da permissão dos responsáveis: foram entregues os termos de assentimento e consentimento (a serem encaminhados aos responsáveis pelos alunos), solicitando autorização para participação dos estudantes na pesquisa.
 - Agendamentos das sessões de treinamento: os encontros aconteceram nos dias em que os estudantes não tinham aula de Educação Física, no contraturno, em dias em que não havia aulas de Educação Física.

- b) Segunda etapa: direcionada aos estudantes que manifestaram interesse em atuar como tutores e que haviam obtido consentimento dos pais. Essa fase consistiu em oito sessões, com duração de uma hora cada. As sessões foram divididas em quatro módulos:
 - Módulo 1 - Tutoria e a deficiência em foco: foi abordado a respeito da Tutoria (conceito, procedimentos), Deficiência Intelectual e Transtorno do Espectro Autista (conceitos, considerações).
 - Módulo 2 - Técnicas de auxílio: foi enfatizada a importância de promover a autonomia e a independência do estudante com deficiência durante a realização das atividades, utilizando Dicas verbais; Demonstração; Assistência Física I e Assistência Física II.
 - Módulo 3 - Treinamento prático: ainda sem o envolvimento do estudante com deficiência, foram realizadas simulações visando o emprego das técnicas de auxílio pelos tutores.

Cada um dos módulos ministrados foi sucedido por uma avaliação teórica e prática com a finalidade de verificar os conhecimentos adquiridos pelos estudantes (Quadros 1 e 2).

Quadro 1 - Avaliação teórica correspondente ao módulo 1

AVALIAÇÃO TEÓRICA	
Aluno (a): _____	
Assinale um X na resposta correta:	
1. O que é ser um tutor?	
() um colega que ajuda o colega que tem dificuldades.	
() um colega que não ajuda o colega que tem dificuldades.	
() um colega que só brinca com o outro.	
2. Quais são os tipos de deficiência?	
() deficiência mental, deficiência visual, deficiência auditiva, deficiência física e autismo.	
() diabete, dor de cabeça, gestante.	
() cardíaco, obeso, terceira idade.	
3. A pessoa que tem deficiência mental é aquela que:	
() tem dificuldades de raciocinar e também tem mais duas outras dificuldades que pode ser na comunicação e nas atividades de vida diária.	
() não tem dificuldades de raciocinar.	
() não anda.	
4. A pessoa que tem duas ou mais deficiências tem:	
() múltiplas deficiências	
() muita paciência.	
() muita comunicação.	
5. O autismo é:	
() a pessoa que tem dificuldade de socialização.	
() aquela que tem ótima comunicação.	
() aquela que conversa o tempo todo com todos.	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 2 - Avaliação teórica correspondente ao módulo 2

AVALIAÇÃO TEÓRICA – Módulo 2	
Aluno (a): _____	
Assinale um X na resposta correta:	
1. A primeira ajuda que deve ser desenvolvida com o colega é	
() Dica verbal (oral).	
() Demonstração do movimento.	
() Assistência Física.	
2. Quando o colega não realiza o movimento pela segunda vez, qual ajuda deve ser dada?	
() Dica verbal (oral).	
() Demonstração do movimento.	
() Assistência Física I.	
() Assistência Física II.	
3. O colega continua não realizando a atividade, o tutor deve ajudar de que forma?	
() Dica verbal (oral).	
() Demonstração do movimento.	
() Assistência Física I.	
() Assistência Física II.	
4. A última ajuda feita pelo tutor é	
() Dica verbal (oral).	
() Demonstração do movimento.	
() Assistência Física I.	
() Assistência Física II.	
5. Como se deve elogiar o colega durante a realização das tarefas?	
() Dica verbal (oral).	
() Demonstração do movimento.	
() Assistência Física I e II.	
() Feedback positivo.	

Fonte: Elaborado pelos autores.

O Quadro 3 a seguir apresenta uma síntese do programa de tutoria.

Quadro 3 - Síntese do Programa de formação de colegas tutores

Módulo	Objetivo	Conteúdo	Avaliação
1. Introdução à tutoria, deficiência intelectual e Transtorno do Espectro Autista.	Adquirir conhecimentos básicos a respeito da deficiência intelectual, Transtorno do Espectro Autista e tutoria.	O que é tutoria? O que é deficiência intelectual e Transtorno do Espectro Autista? Algumas considerações sobre deficiência intelectual e autismo.	Prova teórica.
2. Técnicas de auxílio.	Uso das dicas verbais: explicar oralmente o movimento que o colega tem de realizar.	Descrição dos movimentos de forma oral.	Prova teórica e prática, com a finalidade de verificar se os estudantes seriam capazes de identificar qual(is) o(s) meio(s) de instrução a ser(em) empregado(s) ao estudante com deficiência, pelo colega tutor.
	Demonstração do movimento: realizar a tarefa solicitada para o estudante com deficiência.	Uso da demonstração dos movimentos.	
	Assistência Física I e II: oferecer ajuda física ao estudante com deficiência quando este não conseguir realizar a atividade após a dica verbal.	Direcionamento, por meio de contato físico das partes do corpo com suas próprias mãos.	
3. Treinamento prático.	Simulações de ensino visando o emprego adequado das técnicas de auxílio pelos tutores.		

Fonte: Elaborado pelos autores.

Procedimentos de coleta de dados

Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a observação sistemática ou estruturada, não participante, em ambiente natural. Inicialmente, foi realizada uma observação da aula antes do treinamento da tutoria. Utilizou-se a filmagem da aula para categorizar os dados observacionais, com adaptação do protocolo de Danna e Matos (2006) para este estudo, por meio de técnica de registro contínuo cursivo.

Para esta pesquisa, utilizou-se uma filmadora móvel, operada por um auxiliar de pesquisa, com captador de som. A câmera foi posicionada de forma a captar as imagens e as ações de

todos os estudantes e a professora. Houve uma conversa prévia com os estudantes para esclarecer a respeito da filmagem e foi combinado que, no final da aula, eles teriam acesso ao vídeo, e assim foi feito.

O roteiro de observação das aulas de Educação Física compreendia os seguintes itens: data; objetivo; horário (início – término); relato do ambiente físico (espaço e materiais); relato do ambiente social (número de estudantes; vestimenta dos estudantes; faixa etária; posição do(a) professor(a) em relação aos estudantes; postura profissional; voz de comando; incentivo à participação; planejamento e objetivo da aula); registro propriamente dito. Acrescentou-se, na observação, a interação entre o estudante com deficiência e seus colegas; o nível de participação do estudante com deficiência nas atividades propostas pela professora, durante 50 minutos, tempo de duração da aula. Optou-se pela realização de registros cursivos, em situação naturalística, para posterior categorização dos dados.

A partir daí, foram elaboradas as categorias para observação, desde os conhecimentos prévios do objeto da observação (o uso das técnicas de auxílio); sujeitos (tutores); condições da observação (posição da câmera, ambiente); meios de observação (filmagem e *checklist*).

O Quadro 4 que segue apresenta as categorias estabelecidas para observação do uso das técnicas de auxílio.

Quadro 4 - Checklist relativo ao uso das técnicas de auxílio pelos colegas tutores

Atividade:
Tutor:
TÉCNICAS DE AUXÍLIO
Usou a dica verbal ()
Usou a demonstração ()
Usou a Assistência Física I ()
Usou a Assistência Física II ()
Não necessitou usar nenhuma das técnicas de auxílio ()

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a observação do uso das técnicas de auxílio, utilizou-se o registro de eventos, pois é necessário esclarecer cada evento a ser registrado aos observadores, conforme sugerido por Danna e Matos (2006). Para a definição das categorias de observação, foram estabelecidos os comportamentos que seriam registrados:

- Uso de dica verbal: inicia-se o registro do evento após o professor explicar a atividade e o estudante com deficiência realizar o movimento de forma diferente do que foi solicitado, havendo necessidade de intervenção do tutor. O tutor descreve oralmente o movimento esperado, de forma a corrigir a execução por meio de *feedback* verbal.
- Uso de demonstração visual: inicia-se o registro do evento após o professor explicar a atividade e o estudante com deficiência não realizar o movimento. O tutor realiza a

execução do movimento para que o estudante com deficiência visualize a forma adequada do movimento.

- Uso de Assistência Física I: inicia-se o registro do evento após a demonstração do movimento executado pelo tutor, e o estudante com deficiência continua a realizar o movimento de forma diferente do que foi solicitado. O tutor solicita ao estudante com deficiência que coloque suas mãos no segmento corporal que desempenhará o movimento, acompanhando a execução do movimento realizado pelo tutor por meio das mãos.
- Uso de Assistência Física II: inicia-se o registro do evento quando, após o emprego da Assistência Física I, o estudante com deficiência permanece realizando o movimento de forma inadequada. Assim o tutor posiciona suas mãos no segmento corporal do corpo do estudante, conduzindo o movimento e auxiliando na realização do movimento proposto.

Os dados foram coletados por três observadores (dois assistentes de pesquisa, estudantes do curso de Educação Física e a primeira pesquisadora), com o objetivo de conferir fidedignidade aos dados obtidos por meio da observação. Para tanto, procedeu-se a um treinamento para os observadores, conforme Danna e Matos (2006):

O treinamento do observador implica numa familiarização com a situação de observação, com o uso dos instrumentos de registro (prancheta, cronômetro ou relógio comum, folha de registro), com a sistemática de registro, e no caso de registro categorizado, com as definições dos comportamentos ou de classes de comportamento. O desempenho do observador está diretamente relacionado a um programa adequado de treinamento. (DANNA; MATOS, 2006, p. 151).

No mesmo sentido, Cano e Sampaio (2007) propõem um treinamento dos observadores, que considere a possível interferência no grupo estudado e a manutenção do rigor metodológico de forma a garantir maior critério à pesquisa, reduzindo a subjetividade.

As observações foram feitas a partir da filmagem, independente e simultaneamente, sem comunicação entre os observadores e, posteriormente, foram comparados os registros com a finalidade de verificar a concordância. Cada observador fez uso de prancheta com a folha de registro (*checklist*) para realizar as anotações.

Os comportamentos foram registrados por meio do Registro de Evento Contínuo, definido por Danna e Matos (2006, p. 151) como: “Após definir os comportamentos a serem observados, o observador procede à contagem do número de vezes que o comportamento ocorre num determinado período de tempo. É o registro da frequência do comportamento”. Dessa forma, durante 50 minutos de duração da filmagem de cada aula, foi registrado o número de vezes que o tutor utilizou determinada técnica de auxílio, por cada um dos observadores.

Conforme Dessen e Murta (1997), em geral, a fidedignidade, pela qual se pretende estabelecer credibilidade dos dados observados, é determinada a partir do cálculo de concordância obtido entre duas ou mais pessoas que observam o mesmo evento, registrando-o de forma independente, para verificar a extensão do acordo entre os protocolos de registro.

A fidedignidade dos dados foi estabelecida por meio do índice de concordância entre observadores, por registro de evento, representada pela seguinte fórmula (DANNA; MATOS, 2006, p. 143):

$$IF = \frac{NC}{NC+ND} \times 100$$

NC: Número de concordância; ND: Número de discordância.

De acordo com Danna e Matos (2006, p.142), a “[...] coleta de dados deverá iniciar apenas quando o índice atingir 80% de concordância entre os observadores”. No presente estudo, o Índice de Concordância entre os três observadores resultou em 90%, conferindo o início à coleta de dados.

Forma de análise dos dados

A análise foi baseada na frequência relativa de ocorrência das categorias comportamentais propostas na primeira observação antes do treinamento da tutoria, considerando-se:

- a) a presença do comportamento do tutor em relação à utilização das instruções (dicas verbais; demonstração; Assistência Física I e II; *feedback* positivo geral e *feedback* positivo específico) aprendidas e aplicadas junto ao colega com deficiência;
- b) evidências do uso das técnicas de auxílio na execução dos movimentos por parte do estudante com deficiência, utilizadas nas aulas após o treinamento.

Resultados e discussão

Os resultados foram organizados e apresentados em três tópicos: o registro de observação inicial; o registro do Programa de formação dos colegas tutores; registro da intervenção dos tutores após participação no programa de formação.

– Registro de observação inicial (antes da intervenção do colega tutor)

Como linha de base, foi realizada a observação de uma aula antes da intervenção dos colegas tutores, com a finalidade de identificar o nível de participação do estudante com deficiência nas atividades propostas.

A aula foi realizada no pátio da escola. A professora reuniu os estudantes antes de cada atividade. Nos exercícios de alongamento, a professora utilizou a demonstração dos movimentos enquanto explicava o que deveria ser feito. Dos sete exercícios de alongamentos, Joaquim conseguiu realizar apenas um exercício com o auxílio de um colega que, espontaneamente, propôs-se a ajudá-lo. Tal situação representa a ocorrência de uma tutoria espontânea, isto é, os colegas procuram ajudar o estudante com deficiência na realização da tarefa motora, independentemente de solicitação da professora. Segundo Ward e Ayvazo (2006), situações como estas (tutoria espontânea) influenciam positivamente o nível de participação do estudante com deficiência na realização da atividade motora.

Joaquim tentou realizar dois exercícios de alongamento sozinho, mas apresentou dificuldades e realizou os movimentos de forma inadequada. Durante os quatro exercícios seguintes, ele permaneceu parado e não realizou as tarefas propostas. O estudante com

deficiência demonstrou não entender a atividade proposta ao grupo, havendo necessidade de intervenção de um professor ou colega, de forma a explicar o que e como o exercício deveria ser realizado.

Durante os jogos, observou-se que os colegas não interagem espontaneamente com Joaquim, devido à natureza competitiva da atividade, dificultando sua participação. Em alguns momentos, o estudante tentou realizar as atividades, mas o fez de forma inadequada; em outros momentos não a realizou. Correia (2006, p.150) destaca que, embora a Educação Física tenha avançado e se esforçado teoricamente para superar os modelos competitivista e tecnicista dominantes, “[...] ainda se observa a reprodução do mito da competição e dos processos de esportivização na Educação Física”. Nessa situação é interessante propor, como alternativa, os jogos cooperativos (SILVA et al., 2012).

A síntese da participação de Joaquim em aula, sem a intervenção do colega tutor, encontra-se registrada no Quadro 5 a seguir.

Quadro 5 - Participação do estudante com deficiência nas atividades sem colega tutor

ALONGAMENTO:	RMSA	RMSI	NRM	RMC
7 exercícios	-	2	4	1
JOGOS:	RMSA	RMSI	NRM	RMC
5 atividades	-	3	2	-
RMSA: Realiza o movimento ou atividade sozinho e adequadamente. RMSI: Realiza o movimento ou atividade sozinho e inadequadamente (RMSI). NRM: Não realiza o movimento ou atividade. RMC: Realiza o movimento ou atividade junto ao colega.				

Fonte: Elaborado pelos autores.

Descrição dos parâmetros de observação:

- Realiza o movimento ou atividade sozinho e adequadamente (RMSA): refere-se a quando o estudante realiza o movimento ou atividade conforme foi solicitado pelo professor. Exemplo: o professor solicita que o movimento seja de saltar, em primeiro lugar, com os dois pés simultâneos e, em seguida, apenas com um dos pés. O estudante saltou em primeiro lugar com os dois pés simultâneos e, em seguida, apenas com um dos pés.
- Realiza o movimento ou atividade sozinho e inadequadamente (RMSI): refere-se a quando o estudante realiza o movimento ou atividade em desacordo com o que foi solicitado pelo professor. Exemplo: o professor solicita que o movimento seja de saltar, em primeiro lugar, com os dois pés simultâneos e, em seguida, apenas com um dos pés. O estudante realizou toda a atividade com os dois pés.
- Não realiza o movimento ou atividade (NRM): refere-se a quando o estudante não realiza o movimento ou atividade solicitada pelo professor. Exemplo: o professor solicita que o movimento seja de saltar, em primeiro lugar, com os dois pés simultâneos e, em seguida,

apenas com um dos pés. O estudante não corresponde à solicitação, não realiza o movimento proposto.

- Realiza o movimento ou atividade junto ao colega (RMC): refere-se a quando o estudante realiza o movimento com auxílio do colega, conforme foi solicitado pelo professor. Exemplo: o professor solicita que o movimento seja de saltar, em primeiro lugar, com os dois pés simultâneos e, em seguida, apenas com um dos pés, o estudante fica ao lado do colega que o auxilia e realiza o movimento.

– Registro do Programa de formação de colegas tutores

Na primeira reunião, antes do início do programa, solicitou-se que todos os estudantes participassem mesmo que não apresentassem interesse em atuar como tutores, tendo sido esclarecida a importância de compreenderem a situação do estudante com deficiência nas aulas de Educação Física. Segundo Klavina (2008), recomenda-se estender o convite a todos os estudantes que participam das aulas de Educação Física junto ao colega com deficiência. Conforme Tournaki e Criscitiello (2003), é importante ressaltar a importância da tutoria no processo de inclusão do estudante com deficiência. De acordo com Otaiba, Schatschneider e Silverman (2005), cabe explicitar aos participantes que a tutoria contribui no processo de inclusão escolar, beneficiando ambos os estudantes, colegas tutores e tutorados, melhorando as habilidades acadêmicas e relações sociais. Fulk e King (2001) acrescentam que deve ser explicada a finalidade e a razão para o uso da tutoria, enfatizando a ideia de que, por meio da tutoria, haverá um aumento nas oportunidades de participação das atividades para as pessoas com deficiência.

Estavam presentes 27 estudantes - todos concordaram em participar do programa. Em seguida, apresentaram-se os requisitos para tornarem-se colegas tutores. Fulk e King (2001), em seu estudo, propõem que, para ser eleito tutor, o estudante deverá: conhecer as terminologias usadas na tutoria, tais como: dicas verbais; demonstração, assistência física; possuir um bom entendimento a respeito da deficiência; ser capaz de descrever qual o significado de ser um tutor de um colega com deficiência; aprender e utilizar adequadamente as técnicas de ensino. O colega tutor deve estar consciente de que deverá intervir apenas quando necessário.

Todos os estudantes obtiveram a autorização dos respectivos pais e responsáveis para participarem do estudo; assim, a decisão de continuar ou não dependeria do desejo e da voluntariedade da própria criança em atuar como colega tutor (ORLANDO, 2010). É necessário que a explicação sobre a tutoria seja feita de uma forma que sensibilize os estudantes quanto à importância não apenas para o tutorado, mas também para o colega tutor, estimulando-o a participar do programa. No estudo de Klavina (2008), a seleção dos tutores foi atrelada à autorização por meio do consentimento formal e da disponibilidade em participar do estudo.

Foi acordado com todos os estudantes que o treinamento da tutoria teria início no dia seguinte ao da reunião. O treinamento consistiu em cinco sessões teóricas de 1 hora cada e três sessões compreendendo treinamento prático, conforme o entendimento do professor, dos estudantes, da escola e da comunidade (CERVANTES et al., 2013).

A quantidade de sessões e o tempo de duração de cada sessão devem ser estabelecidos pelo professor de Educação Física, pelo pesquisador ou professor especialista e pelos estudantes. Houston-Wilson et al. (1997) esclarecem que o Programa de formação de colegas tutores pode ocorrer antes ou após a escola, durante o recesso, durante o tempo livre, ou em um dia da aula, conforme acordo entre os envolvidos. O tempo de treinamento dos tutores é discutível, sendo a duração do programa e das sessões dependente de fatores como idade dos tutorados, experiência

prévia com irmãos ou outras crianças com deficiência, severidade da deficiência envolvida e a(s) unidade(s) de instruções em Educação Física (HOUSTON-WILSON et al., 1997).

Segundo Cervantes et al. (2013), o treinamento pode ser realizado antes, depois ou durante as aulas de Educação Física, ou ainda no período de férias escolares. Os encontros aconteceram nos dias em que os candidatos a tutor não possuíam aula de Educação Física, no período contrário das aulas. A determinação desses fatores depende também da disponibilidade dos estudantes em participar do curso; por exemplo, caso não houvesse essa disponibilidade, o treinamento poderia ser feito durante as aulas de Educação Física ou até mesmo nas aulas de outro professor. O professor que for desenvolver o treinamento deve ter esta sensibilidade e advogar junto aos participantes como poderia ser organizada a operacionalização do treinamento. Também é necessário destacar o tempo “livre” do professor pois, na realidade brasileira, os professores de Educação Física geralmente atuam em mais de uma escola, com uma carga horária exaustiva. É necessário conhecer a realidade do profissional e discutir com ele(a) a possibilidade da implementação do treinamento.

Em relação à idade dos candidatos a tutor, Houston-Wilson et al. (1997) afirmam que os colegas tutores devem possuir a mesma idade ou serem mais velhos que o tutorado. No presente estudo, optou-se por envolver os colegas do mesmo nível de ensino/turma do tutorado. Enquanto a idade dos estudantes de 5ª série correspondia à faixa etária de 9 a 11 anos, a idade do tutorado era de 19 anos na ocasião do estudo. Portanto, a idade dos colegas tutores foi inferior à do tutorado.

Houston-Wilson et al. (1997) frisam que os tutores podem ser treinados individualmente ou em grupos. Inicialmente, a proposta do treinamento da pesquisa em questão envolveu todos os estudantes que faziam parte da turma, pois ainda não havia previsão de quantos estudantes seriam selecionados para desempenhar o papel de tutor.

Destaca-se que cada tutorado pode possuir mais do que um colega tutor. A quantidade de tutores por tutorado deve ser considerada, pois a proporção de um-para-um pode comprometer a ação da tutoria (ORLANDO, 2010). Como exemplo: caso o colega tutor se ausente por motivos de saúde, o tutorado ficaria desamparado; contando com um único colega tutor, não há a possibilidade de rodízio.

Assim, observa-se que, sendo viável contar com mais de um colega tutor, existe a possibilidade de propor um revezamento, de forma a não sobrecarregar um único estudante. A depender do número de tutores disponíveis, a responsabilidade perante o tutorado pode ser compartilhada, dividindo-se entre as tarefas de uma mesma aula ou durante a programação da semana.

Caso as aulas de Educação Física ocorram no contraturno, existe a possibilidade de contar com colegas tutores de outra turma, desde que o estudante com deficiência se sinta a vontade e os aceite como tutores. É importante ter em mente que existem várias maneiras de configurar um programa *peer-tutoria* dentro de uma classe (CERVANTES et al., 2013).

A seguir, será apresentada a síntese da programação diária do treinamento de tutoria.

a) *1º Encontro: A tutoria e a deficiência em foco*

Comparecerem 11 estudantes, tendo sido abordadas, de forma expositiva e dialogada, questões relativas à deficiência do estudante a ser tutorado.

Foi entregue a cada estudante papel e lápis para registro dos conteúdos tratados. Como sugestão, podem ser utilizadas apostilas com textos e ilustrações, apresentação de vídeos, entre outras estratégias diferenciadas, de acordo com a faixa etária dos estudantes. Em sua pesquisa, Orlando (2007) relata que:

O treinamento dos colegas ajudantes foi preconizado através de conversas e vivências, porém encontramos a segunda dificuldade que surgiu devido à idade das crianças (7 a 9 anos). Foi muito difícil manter a atenção e concentração dos estudantes durante o tempo necessário para explicar a forma de agir quando estamos trabalhando como colegas ajudantes, comportamento característico da idade conforme relata a literatura... encontramos a solução nos desenhos, estratégia didática muito utilizada pelos professores na sala de aula... acrescenta que os desenhos foram apresentados para toda sala, com a proposta de transmitir as informações para todos. A estratégia utilizada foi a pintura, os estudantes diziam o que os desenhos significavam em suas interpretações, (já que não existiam dizeres somente imagens) o que eles entendiam olhando para o desenho. (ORLANDO, 2007, p. 31).

O emprego de métodos diversificados pode favorecer a assimilação dos conteúdos e resultar em um maior envolvimento dos colegas tutores durante o período preparatório.

Foi esclarecido que o colega apresentava a deficiência intelectual associada ao Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foi questionado se os estudantes conheciam as deficiências. Em relação à deficiência intelectual, responderam com coerência, pois sabiam que consistia em ter dificuldade de entender algumas questões (PEREIRA, 2012). Em se tratando do transtorno do espectro autista, um dos estudantes respondeu: “autismo é aquela pessoa que tem problema de altura”. Embora equivocado, o raciocínio do estudante é compreensível uma vez que, devido à idade avançada, o estudante com deficiência de fato apresentava altura superior à de seus colegas de turma. Foi esclarecida a diferença entre autismo e altura. O TEA foi introduzido aos colegas tutores como dificuldades nas relações sociais e na comunicação (CANUT et al., 2014), implicando em comportamentos diferenciados. Foi dada abertura para que os estudantes descrevessem e analisassem o comportamento do tutorado, estabelecendo paralelos com as características mais evidentes do TEA.

Informações a respeito da deficiência podem ser transmitidas com naturalidade; a linguagem adotada deve ser simples, mas com fidedignidade em relação aos conceitos. Houston-Wilson et al. (1997) realçam que os tutores precisam conhecer e compreender a deficiência do colega tutorado. Os tutores podem adquirir conhecimentos sobre a deficiência por meio de sensibilizações (ORLANDO, 2010). Por exemplo: caso o estudante apresente a condição da deficiência visual, podem ser desenvolvidas atividades com os olhos vendados, com o propósito de compreender melhor as particularidades envolvidas na situação.

A conscientização sobre a deficiência¹ pode envolver diferentes estratégias, tais como atividades de sensibilização, discussões em classe, interpretações de papéis e palestrantes convidados. Essas são algumas ferramentas que podem ser empregadas por professores de Educação Física para educar os estudantes em geral quanto às diferenças e às necessidades especiais apresentadas por estudantes com deficiência (BLOCK; OBRUSNIKOVA, 2007; KLAVINA, 2008; LIEBERMAN; HOUSTON-WILSON, 2009).

Finalizadas as explicações, foi informado que, no encontro seguinte, seria realizada a avaliação teórica acerca do conteúdo tratado.

b) 2º Encontro: Avaliação do módulo 1

¹ Em inglês, o termo correspondente é “*Disability awareness*”.

Iniciou-se com a revisão do conteúdo tratado no módulo 1 e, em seguida, realizou-se a avaliação teórica. Apenas 10 estudantes realizaram a prova; os estudantes que participaram dessa avaliação obtiveram 100% de desempenho.

Houston-Wilson et al. (1997) salientam que, para determinar a efetividade do treinamento, os tutores devem ser avaliados quanto aos conhecimentos teóricos e práticos.

c) *3º Encontro: As técnicas de auxílio*

Procedeu-se à apresentação das técnicas de auxílio que podem ser ofertadas pelo colega tutor ao tutorado, compreendidas como conteúdos do módulo 2.

As técnicas foram introduzidas em um único dia, embora seja recomendável ensinar cada técnica separadamente, acompanhada de simulações práticas com os futuros tutores, de forma a favorecer a assimilação dos estudantes.

As técnicas de auxílio utilizadas na pesquisa foram: Dicas verbais; Demonstração; Assistência Física I e II (HOUSTON-WILSON et al., 1997; LIEBERMAN et al., 2000; ORLANDO, 2010).

O ensino das técnicas de auxílio consiste no Sistema de Indução Mínima². A finalidade dessa proposta é obter desempenho (realização do movimento) dos estudantes com o mínimo de intervenção, priorizando-se estímulos verbais e visuais aos demais. Recorre-se à assistência física apenas quando realmente necessário (HOUSTON-WILSON et al., 1997; LIEBERMAN et al., 2000; KLAVINA, 2008; LIEBERMAN; HOUSTON-WILSON, 2009; ORLANDO, 2010).

d) *4º Encontro: Avaliação do Módulo 2*

Iniciou-se com a revisão do conteúdo tratado no módulo 2 e, em seguida, realizou-se a avaliação teórica correspondente às técnicas de auxílio. Apenas cinco estudantes realizaram a prova. Um dos estudantes interessados em participar do programa justificou sua ausência e solicitou a realização da prova em dia e horário alternativo, o que foi permitido pela pesquisadora e pelos colegas. Os estudantes que participaram dessa avaliação obtiveram 100% de desempenho, demonstrando domínio de conhecimento em relação às técnicas de auxílio.

Lieberman et al. (1997) e Lieberman et al. (2000) determinam que os colegas-tutores devem atingir um escore de 90% ou mais nos conhecimentos adquiridos nas avaliações teóricas.

e) *5º, 6º e 7º Encontros: O treinamento prático*

O módulo 3 consistiu em treinamento quanto à aplicação das técnicas de auxílio em situações próprias às aulas de Educação Física, ainda sem a presença do estudante com deficiência. Os participantes vivenciaram simulações nos papéis de tutores e tutorados, conforme proposto por Lee e Ward (2002) e Klavina (2008). Destaca-se o papel do professor no reforço das atitudes procedentes e esclarecimento de possíveis dúvidas dos tutores, em relação às ações a serem desempenhadas junto ao estudante com deficiência.

f) *8º Encontro: Avaliação do módulo 3*

Cada estudante foi avaliado em três diferentes situações, e todos obtiveram bom aproveitamento. Lieberman et al. (1997) e Lieberman et al. (2000) determinam que os tutores devem obter um escore de 100% no uso do Sistema de Indução Mínima.

² O termo correspondente em inglês é “*System of least prompts*”.

Dessa forma, os cinco estudantes que concluíram satisfatoriamente o programa de preparação (quatro do sexo feminino e um do sexo masculino) foram convidados a participar como colegas tutores. Optou-se por designar a participação de um tutor para cada dia de aula, de forma que todos tivessem a oportunidade de experimentar e se ajustar nesse papel. O revezamento entre os tutores é desejável, na medida em que o tutorado interage com diferentes colegas e estímulos diferenciados, minimizando-se a chance de estabelecer-se uma relação de dependência entre os pares.

Lieberman et al. (2000) propõem que, em cada aula de Educação Física, o estudante com deficiência seja acompanhado por um colega tutor, estabelecendo-se uma díade tutor-tutorado em cada sessão. Em contrapartida, Klavina (2008) sugere um sistema de rodízio entre os colegas tutores durante uma mesma sessão: assim, a cada 10 minutos de aula, haveria um revezamento entre os colegas tutores, para evitar possível sobrecarga. Cervantes et al. (2013) sugerem três tipos de configuração que podem ser adotadas conforme as particularidades de cada programa de ensino: um colega tutor para todas as aulas; dois a quatro tutores revezam-se durante uma mesma aula; dois a quatro tutores revezam-se durante cada atividade ou a cada 5-10 minutos.

– Registro da intervenção dos tutores após participação no programa de formação

Foram realizadas observações em cinco aulas de Educação Física. Em cada dia letivo, o estudante com deficiência foi acompanhado por um colega tutor, conforme revezamento sugerido pela pesquisadora. Para cada tutor foi designada uma aula com a finalidade de observar sua atuação junto ao estudante com deficiência.

Antes do início de cada aula, a primeira pesquisadora recordou alguns procedimentos e forneceu orientações aos tutores, enfatizando o uso das técnicas de auxílio, conforme sugerem Lieberman et al. (2000). Block (1995) recomenda que, após o treinamento do tutor, e durante as intervenções junto ao tutorado, seja fornecido um reforço contínuo (*feedback*) em relação ao correto uso das técnicas de auxílio.

Klavina (2008) acrescenta que, tanto durante o treinamento, bem como durante as sessões de intervenção, o tutor pode solicitar colaboração do professor para controlar algum comportamento inadequado do tutorado, ou em quaisquer outras dificuldades que possam surgir. Dito isso, a seguir, será feita a descrição da atuação de cada um dos tutores durante a intervenção junto ao estudante com deficiência.

Na primeira aula, durante os exercícios de alongamento, o tutor 1 não precisou intervir junto ao tutorado, respeitando a orientação quanto ao sistema de indução mínima, uma vez que o estudante com deficiência conseguiu realizar as atividades sem sua interferência. Nas demais atividades, o tutor 1 empregou, com mais frequência, a dica verbal como primeira ajuda, de acordo com o recomendado pela literatura e enfatizado durante o treinamento. Quanto à ordem do emprego das técnicas de auxílio, Lieberman et al. (2000) propõem a seguinte sequência: Dica verbal; Demonstração do movimento; Assistência Física I e Assistência Física II.

Na segunda aula, foram preconizados exercícios de alongamento, sendo alguns conhecidos repetidos de aulas anteriores e conhecidos pela maioria dos estudantes. O Tutor 2 fez uso das técnicas de auxílio quando necessário, respeitando a ordem/sequência de seu emprego. O tutor 2 recorreu principalmente à dica verbal, apenas para corrigir algumas posturas inadequadas por parte do estudante com deficiência.

Na terceira aula, houve prevalência da dica verbal, por parte do tutor 3, seguindo a ordem do uso das técnicas de auxílio de acordo com o que foi proposto no treinamento. Klavina (2008) esclarece que a ordem do uso das técnicas deve ser respeitada, de forma a promover a maior independência do estudante com deficiência na realização das atividades solicitadas.

Na quarta aula, o tutor 4 empregou, com maior frequência, a dica verbal. Corroborando o estudo de Houston-Wilson (1997), verificou-se que, após o treinamento, os tutores passaram a utilizar as dicas verbais com maior segurança, passando a fornecer mais informações para que o estudante conseguisse realizar a tarefa proposta.

Na quinta e última aula, o tutor 5 auxiliou o colega com deficiência utilizando predominantemente a dica verbal. Necessitou de reforço do uso das técnicas antes das aulas.

Com base no *checklist* preenchido pelos observadores, chegou-se ao Quadro 6, o qual representa o emprego das técnicas de auxílio por cada um dos tutores, durante os exercícios de alongamento e nas atividades lúdicas.

Quadro 6 - Emprego das técnicas de auxílio pelos colegas tutores

	Dica verbal		Demonstração		Assist. Física I		Assist. Física II		Sem Necessidade	
	Alon.	Jogos	Alon.	Jogos	Alon.	Jogos	Alon.	Jogos	Alon.	Jogos
Tutor 1	3	3	0	0	0	1	1	1	3	0
Tutor 2	18	0	0	0	9	2	3	0	4	0
Tutor 3	4	3	0	0	2	0	0	0	0	0
Tutor 4	3	4	0	0	0	1	0	0	2	0
Tutor 5	4	6	4	6	4	1	1	0	1	0
Total	32	16	4	6	15	5	5	1	10	0
	48		10		20		6		10	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme o Quadro 6, é possível observar que, depois da dica verbal, a técnica de auxílio mais utilizada pelos tutores foi a Assistência Física I, seguida pela Demonstração. A técnica de auxílio menos empregada pelos tutores foi a Assistência Física II.

Considerações finais

Em síntese, foi possível verificar que todos os estudantes que participaram do programa de treinamento de tutoria atuaram satisfatoriamente durante o período de intervenção, pois seguiram as orientações de forma considerada adequada pelos observadores. Os colegas tutores demonstraram domínio acerca de qual e quando empregar cada uma das técnicas de auxílio, respeitando o Sistema de Indução Mínima e auxiliando o tutorado sempre que e apenas quando necessário. O desempenho adequado dos colegas tutores resultou em melhor aproveitamento das

aulas de Educação Física por parte do estudante com deficiência intelectual associada ao autismo, quando comparada à observação inicial, realizada sem a intervenção dos tutores.

Como limitações do estudo, destacam-se: o número reduzido de observações por tutor; a realização dele em um único estabelecimento de ensino, envolvendo apenas um tipo de deficiência. Por tratar-se de estudo de caso, torna-se difícil a generalização dos resultados.

Em futuras pesquisas, sugere-se realizar o treinamento de tutoria com mais tempo de duração; observar um maior número de aulas com a intervenção dos tutores; realizar o mesmo estudo com tipos diferentes de deficiências; e analisar a repercussão do programa de tutoria sob a perspectiva do professor de Educação Física e dos colegas do estudante com deficiência.

Para concluir, o Programa de formação de colegas tutores demonstrou ser adequado aos propósitos estabelecidos, evidenciando que a tutoria aplicada à Educação Física consistiu em estratégia viável e eficiente às necessidades especiais do estudante com deficiência intelectual associada ao autismo.

Referências

ARAÚJO, S. L. S.; ALMEIDA, M. A. Contribuições da consultoria colaborativa para a inclusão de pessoas com deficiência intelectual. **Revista de Educação Especial**, Santa Maria, v. 27, n. 49, p. 341-352, maio/ago. 2014. DOI: 10.5902/1984686x8639

BLOCK, M. E. Development and validation of the children attitudes toward integrated physical education-revised (CAIPE-R) inventory. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 12, n. 1, p. 60-77, jan. 1995. DOI: 10.1123/apaq.12.1.60

BLOCK, M. E.; OBRUSNIKOVA, I. Inclusion in Physical Education: a review of the literature from 1995-2005. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 24, n. 2, p. 103-124, abr. 2007. DOI: 10.1123/apaq.24.2.103

BLOCK, M. E.; RIZZO, T. L. **Attitudes of physical educators toward teaching students with severe and profound disabilities**. Paper presented at the AAHPERD National Convention; 1993. March. Washington, D.C.

BOWMAN-PERROTT, L. et al. Academic benefits of peer tutoring: a meta-analytic review of single case research. **School Psychology Review**, v. 42, n. 1, p. 39-55, mar. 2013.

CANO, D. S.; SAMPAIO I. T. A. O método de observação na psicologia: considerações sobre a produção científica. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 11, n. 2, p. 199-210, jul./dez. 2007. DOI: doi.org/10.5380/psi.v11i2.6849

CANUT, A. C. A et al. Diagnóstico precoce do autismo: relato de caso. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 31-37, fev. 2014.

CERVANTES, C. M. et al. Peer tutoring: meeting the demands of inclusion in Physical Education today. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 84, n. 3, p. 43-48, mar. 2013. DOI: 10.1080/07303084.2013.767712

CORREIA, M. M. Jogos Cooperativos: perspectivas, possibilidades e desafios na Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 149-164, jan. 2006.

DANNA, M. F.; MATOS, M. A. **Aprendendo a observar**. São Paulo: Edicon, 2006.

DESSEN, M. A.; MURTA, S. G. A metodologia observacional na pesquisa em psicologia: uma visão crítica. **Cadernos de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 1, p. 47-60, 1997.

FERNANDES, W. L.; COSTA, C. S. L. Possibilidades da tutoria de pares para estudantes com deficiência visual no ensino técnico e superior. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 21, n. 1, p. 39-56, jan./mar. 2015. DOI: 10.1590/s1413-65382115000100004

FIORINI, M. L. S.; NABEIRO, M. Treinamento de colegas tutores como auxílio à inclusão de alunos com deficiência em aulas de Educação Física. **ADAPTA**, Presidente Prudente, v. 9, n.1, p. 13-18, jan./dez. 2013.

FULK, B. M.; KING, K. Classwide peer tutoring at work. **Teaching Exceptional Children**, v. 34, n. 2, p. 49, nov./dez. 2001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, T. M.; RIBEIRO, I. S. Aprendizagem cooperativa e tutoria de pares entre crianças e adolescentes na escola. **Psicologia, Educação e Cultura**, Porto, v. 12, n. 2, p. 295-314, 2008.

GREENWOOD, C. R. et al. Class wide peer tutoring learning management system: applications with elementary-level English language learners. **Remedial and Special Education**, v. 22, n. 1, p. 34-47, jan./fev. 2001. DOI: 10.1177/074193250102200105

HODGE, S.; LIEBERMAN, L.; MURATA, N. **Essentials of teaching physical education: Culture, diversity, and inclusion**. Scottsdale, AZ: Holcomb Hataway, 2012.

HOUSTON-WILSON, C. et al. Peer tutoring: a plan for instruction students of all abilities. **JOPERD**, v. 68, n. 6, p. 39-44, ago. 1997. DOI: 10.1080/07303084.1997.10604964

KLAVINA, A. Using peer-mediated instructions for students with severe and multiple disabilities in inclusive physical education: a multiple case study. **European Journal of Adapted Physical Activity**, v. 1, n. 2, p. 7 - 19, set. 2008.

LEE, M.; WARD, P. Peer tutoring: student centered learning in physical education for the 21st Century. **EBSCO Publishing**, 2002.

LIEBERMAN, L. J. et al. The effects of cross-aged peer tutors on the academic learning time of students with disabilities in inclusive elementary physical education classes. **Brazilian International Journal of Adapted Physical Education Research**, v. 4, n. 1, p. 15-32, 1997.

LIEBERMAN, L. J. et al. Peer tutors' effects on activity levels of deaf students in inclusive elementary physical education. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 17, n. 1, p. 20-39, jan. 2000. DOI: 10.1123/apaq.17.1.20

LIEBERMAN, L. J.; HOUSTON-WILSON, C. **Strategies for inclusion: A handbook for physical educators**. Champaign, IL: Human Kinetics, 2009.

MACHADO, A. C.; BELLO, S. F.; ALMEIDA, M. A. O papel consultivo do fonoaudiólogo: algumas reflexões sobre a consultoria colaborativa na escola regular. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 25, n. 43, p. 233-248, maio/ago. 2012. DOI: 10.5902/1983

MORTWEET, S. L. et al. Classwide peer tutoring: teaching students with mild retardation in inclusive classrooms. **Teaching Exceptional Children**, v. 65, n. 4, p. 524-536, jun. 1999.

ORLANDO, P. D. **A inclusão e a Educação Física: colega tutor como estratégia de ensino**. 2007. 49 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2007.

ORLANDO, P. D. **O colega tutor de estudantes com deficiência visual nas aulas de educação física**. 2010. 75 f. Dissertação. (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

OTAIBA, S. A.; SCHATSCHNEIDER, C.; SILVERMAN, E. Tutor-assisted intensive learning strategies in kindergarten: how much is enough? **Exceptionality**, v. 13, n. 4, p. 195-208, 2005. DOI: 10.1207/s15327035ex1304_2

PEREIRA, J. E. A infância e a deficiência intelectual: algumas reflexões. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2012.

SILVA, J. K. F. et al. Jogos cooperativos: contribuição na escola como meio socializador entre crianças do ensino fundamental. **Revista Motrivivência**, Florianópolis v. XXIV, n. 39, p. 195-205, dez. 2012. DOI: 10.5007/2175-8042.2012v24n39p195_

TOURNAKI, N.; CRISCITIELLO, E. Using peer tutoring as a part of successful behavior management. **Teaching Exceptional Children**, v. 36, n. 2, p. 22-29, maio/jun. 2003.

WARD, P.; AYVAZO, S. Classwide peer tutoring in physical education: assessing its effects with kindergartners with autism. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 23, n. 3, p. 233-244, jul. 2006. DOI: 10.1123/apaq.23.3.233

Recebido em 10/06/2016

Versão corrigida recebida em 01/02/2017

Aceito em 07/02/2017